



10º Congresso de Pós-Graduação

AS CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES NO CURSO DE PEDAGOGIA

Autor(es)

ANA CAROLINA KASTEIN BARCELLOS

Orientador(es)

BRUNO PUCCI

1. Introdução

A pesquisa investiga a importância da Estética nos cursos de Pedagogia. A problematização da pesquisa se dá a partir do questionamento das relações entre educação e estética, perpassando por isso, temas como a infância, a possibilidade de formação da experiência estética, tal como Walter Benjamin, a autonomia e a formação.

Os cursos de Pedagogia, ao formar seus graduandos, deveriam formá-los não apenas aptos para a prática docente ou para a administração e a coordenação escolar; também para atuar na educação no sentido de uma orientação, planejamento, pesquisa, avaliação, formulação de políticas e outros. Tornar-se um pesquisador da própria prática, independentemente de ser um trabalho pedagógico ou docente, compreender conforme Libâneo (2010) que “todo trabalho docente é pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é docente”.

Paralelamente à educação formal, a educação informal ocorre o tempo todo, ocorre também o senso comum, amplamente explorado pela mídia, a qual se apresenta pedagógica por ensinar os incautos cidadãos a serem mercadorias em tempo integral, sem discutir como não se tornar um cativo alienado no mundo administrado.

Ao apresentar algumas considerações sobre a Pedagogia, destacam-se o papel da estética para a formação e a contribuição da filosofia para discussão e análise dos problemas que nortearão nossas investigações: quais as contribuições da estética na formação dos Pedagogos? Parte-se da compreensão da educação enquanto resistência e caminho para a emancipação.

A pesquisa trará algumas reflexões de textos selecionados em dois campos de investigação: a Educação e a Estética, a partir dos estudos de autores da Escola de Frankfurt, especialmente T. W. Adorno, H. Marcuse e W. Benjamin, bem como críticos contemporâneos, como Z. Bauman. Algumas categorias são consideradas relevantes nesse estudo, como: alienação, reificação, mercadoria, semiformação, adaptação, mundo administrado, resistência, emancipação.

O estudo proposto se justifica pela necessidade de se examinar e analisar os documentos das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia – DCNP (2006), a Portaria para o ENADE (2011), os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – PCNEF (1997) e fundamentalmente, documentos que enfocam a importância da Estética nos cursos de Pedagogia. Além dos documentos descritos, entende-se como valiosa e necessária uma formação estética para os futuros professores; razão que nos impulsiona a investigar aspectos de sua ocorrência.

A opção foi fazer uma análise crítico-reflexiva de documentos e propostas pedagógicas a respeito da questão estética nos cursos de Pedagogia.

2. Objetivos

1. Examinar e analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares para a Pedagogia e outros documentos a fim de investigar a importância da estética na formação dos Pedagogos;
2. Investigar aquilo que se entende por educação estética e sua especificidade na formação do homem do século XXI, em especial, dos

educadores (a partir de Schiller e outros estetas ou críticos da estética).

3. Desenvolvimento

De acordo com essas Diretrizes Nacionais para o curso da Pedagogia, a licenciatura em Pedagogia passa a exigir do Curso de Pedagogia uma sólida formação teórica, bem como o estudo das práticas educativas escolares e não-escolares. Para que essa formação teórica se tornasse possível, foi necessário que o currículo e também sua organização se reestruturassem. Assim, a organização curricular se fundamentou nos princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética (DCNP, 2006, p.1) e a partir dos núcleos estruturantes, estes temas são trabalhados. Os núcleos definem a estrutura do curso de Pedagogia, não mais dividida em disciplinas isoladas / fragmentadas. Esses núcleos se articulam, integram-se. São eles: a) núcleo de estudos básicos; b) núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos e c) núcleo de estudos integradores.

A instituição de ensino que oferece o Curso de Pedagogia desenvolve o plano de curso, a grade curricular, dentre outros e as disciplinas devem contemplar a estética durante o curso. São nos estudos de Adorno nesse caso, a obra *Teoria Estética* (1988, p.135), que buscamos para fundamentar a compreensão da estética, no aforismo *Expressão e Mimese*, afirma que “a aporia da mimese e da construção torna-se para as obras de arte uma necessidade de unir o radicalismo com a ponderação, sem acrescentar de maneira apócrifa hipóteses auxiliares”. De acordo com esse autor, a objetivação da obra passa por extremos: por um lado, a objetividade racional é resultante da necessidade de expressão, sem se vincular ao gosto ou ao juízo; por outro, não se deve orientar a resultante de uma obra de arte pela irracionalidade. O ‘pensar-se a si mesma’ da obra de arte exige que a racionalidade estética esteja presente, sendo diversos e relevantes os elementos presentes na composição da obra de arte e no trabalho do artista. A junção da mimese e da racionalidade resultam em tensões, contradições, dissonâncias, que tornam a obra uma obra de arte.

O trecho abaixo faz parte do PCN de Arte (1997):

Quando Guimarães Rosa escreveu: “Nuvens, fiapos de sorvete de coco”, criou uma forma artística na qual a metáfora, uma maneira especial de utilização da linguagem, reuniu elementos que, na realidade, estavam separados, mas se juntaram numa frase poética pela ação criadora do artista. Nessa apreciação estética importa não apenas o exercício da habilidade intelectual, mas principalmente, que o leitor seja capaz de se deixar tocar sensivelmente para poder perceber, por exemplo, as qualidades de peso, luz, textura, densidade e cor contidas nas imagens de nuvens e fiapos de sorvete de coco; ao mesmo tempo, a experiência que essa pessoa tem ou não de observar nuvens, de gostar ou não de sorvete de coco, de saber ou não o que é uma metáfora fazem ressoar as imagens do texto nas suas próprias imagens internas e permitem que crie a significação particular que o texto lhe revela. A significação não está, portanto, na obra, mas na interação complexa de natureza primordialmente imaginativa entre a obra e o espectador.

Ao ir ao encontro de seu eu, do encontro consigo mesmo, o artista recorre em sua obra à ficção. O resultado deste diálogo interior reflete-se numa obra de ficção, na qual a realidade apresenta o resultado das sensações, ao dirigir-se ao seu eu interior, do qual participa o leitor ou o espectador, posteriormente.

Ao falarmos de educação estética, remetemo-nos ao poema da obra *Viagem* (1939), de Cecília Meireles (1901-1964) intitulado *Canção: Pus o meu sonho num navio/e o navio em cima do mar;/- depois, abri o mar com as mãos,/para o meu sonho naufragar./Minhas mãos ainda estão molhadas/do azul das ondas entreabertas,/e a cor que escorre dos meus dedos/colore as areias desertas./O vento vem vindo de longe,/a noite se curva de frio;/debaixo da água vai morrendo/meu sonho dentro de um navio.../Chorei quanto for preciso,/para fazer com que o mar cresça,/e o meu navio chegue ao fundo/e o meu sonho desapareça./Depois, tudo estará perfeito:/praia lisa, águas ordenadas,/meus olhos secos como pedras/e as minhas duas mãos quebradas.*

Nesse poema, o eu lírico naufraga num sonho. Sem sonho, sem mar revolto, sem ondulações - areia lisa. Espaço interior em que se cria, imagina, sonha, a poeta submerge-se ao mar que cresce e a inunda. Lágrimas compõem o mar que se abre com as mãos do eu lírico. As mãos, ainda molhadas, com o sal das lágrimas em tom azul, colorem a areia deserta. Mas o vento chega, secam-se as mãos e aos poucos, o sonho vai oceano adentro, na zona do esquecimento, reprimido, eliminado. Sem sonhos, as águas ficam calmas, a ordem se restabelece, e as duas mãos se quebram. Olhar úmido de emoção é agora seco e pesado. Petrificado o coração, naufragado o sonho, o ser reificado, compõe a paisagem como as pedras inertes, que deixam as águas lambem suas costas sem ação. Sobe a maré - imersão, desce a maré - exposição. Tanto faz. O sonho naufragou-se. Tudo parece perfeito.

O poema, nesta análise, aponta para a anulação da individualidade em nome do todo, o particular se perde e a consciência se reifica. Isso ocorre, pois “A consciência cada vez menos sobrecarregada de autonomia, tende a reduzir-se à tarefa de regular a coordenação entre o indivíduo e o todo” (Marcuse, 1999, p.101).

De acordo com a discussão teórica proposta nessa pesquisa, hipoteticamente, concebe-se a ideia de uma educação capaz de permitir que essa reificação se interrompa, graças ao seu potencial de emancipação. Ela pode, por isso, permitir que o sonho tenha existência, que as mãos se tornem asas realizando sonhos, que os barcos cheguem aos portos, partam dos portos, permaneçam em trajeto. Permite aos lemes autonomia para navegar por territórios desconhecidos, territórios onde a vontade seja capaz de levar de forma .

Adorno discute na *Teoria Estética* (1988, p.14) a respeito do declínio da arte, que ao desaparecer, faz-se desespero, dado que, “a arte tem seu conceito na constelação de momentos que se transformam historicamente” (p.12). A arte somente existirá quando não for conciliatória da realidade. Para ele, que toma emprestada a ideia de arte em Kant, a arte é uma finalidade sem fim. Ela tem uma finalidade, mas não pode ser entendida como alguma coisa para ser usada no teatro, na pedagogia etc. A arte é crítica, não se vincula a

qualquer coisa que não aquilo que quer expressar, por isso é autônoma, não podendo ser manipulada. Toda obra de arte é um artefato, mas é especial e se relaciona com a empiria, com a realidade, com o outro; ela é um fato social. Ser uma segunda potência é ser outro objeto para além daquele de que ela se originou ou partiu. “Ao seu conceito mescla-se o fermento que a suprime” (1988, p.15.). A arte e aquilo que a faz desaparecer negam-se, criticam-se e encerram-se no ente empírico. Dessa forma, a identidade estética deve defender “o não idêntico que a compulsão à identidade oprime na realidade” afirma Adorno, na Teoria Estética (1988, p.15). O princípio de identidade exclui todas as diferenças, nivelando-as, conforme já havia dito em 1966 em sua obra Dialética Negativa. Nesse processo de exclusão das singularidades, das diferenças, o próprio pensar extrai do conceito aquilo que nega o próprio conceito. Se tomarmos como exemplo uma caixa, tudo aquilo que não couber nessa caixa ficará de fora. O conceito limita-se pelas arestas, não podendo absolutizar-se, contudo, pode tornar-se absoluto apenas no pequeno universo da caixa em que se encontra (caixa composta por questões imediatas, ideológicas, históricas etc.). Pode-se dizer então que educar é propiciar caminhos em que seja possível buscar para além dessas arestas, dos limites do próprio conceito em um movimento dialético. Por isso, as obras de arte podem contribuir para esse processo, já que “falam de uma maneira que é recusada aos objetos naturais e aos sujeitos que as produzem” (1988, p.15). O conceito busca na representação, no jogo, no lúdico, formas para contemplar o que não é capaz de conter em si mesmo. E para Adorno, a arte é autônoma em oposição à mercadoria, é autônoma na expressão do não idêntico e na possibilidade de resistência. Adorno (1988, 2009) e Marcuse (1999, 2007) vêem na arte e na estética a possibilidade de criar condições para a experiência em oposição à racionalidade do mundo administrado. A arte possui uma função dialética em relação ao social, por isso pode se opor à razão instrumental. Ela se torna o outro da sociedade, a não mercadoria, o não idêntico quando autônoma. Pode negar a crítica e não seguir a ‘tendência política correta’ e sim a ‘tendência artística correta’. Para Adorno isso é possível não pelo conteúdo da arte, mas pela forma da arte, porque ela recusa conceitos prévios e universais, também recusa a síntese redentora de uma sociedade burguesa em que tudo se enquadra ao sistema produtivo. Como visto, a contemplação da arte deve ser desinteressada, ou seja, livre de qualquer funcionalidade. Por isso, ao se desligar da práxis, a arte rompe com a idéia de ser mercadoria.

Considerações

4. Resultado e Discussão

Segundo (PUCCI, 2010, p. 90) a tecnificação da sociedade compromete a experiência e a autonomia, cabendo a educação o papel de proporcionar o seu desenvolvimento, sem excluir a adaptação ao desenvolver a resistência ao conformismo. É a partir dessa autonomia, dessa resistência que se torna possível “a constituição de um meio interior ao homem”, o outro da obra de arte.

A arte e a formação estética devem, portanto, caminhar não no sentido do progresso da sociedade, mas no sentido de retirar o sujeito de sua reificação, pela compulsão à identidade, na medida em que produz um estremecimento no espectador, abalando sua identidade fixa, conforme visto. Isso ocorre a partir da fruição estética, e para que ela ocorra é necessária experiência, como se pode dar a compreender nos estudos de Benjamin, cabendo ao processo formativo, inclusive formal, o desenvolvimento de condições para que esse processo seja possível

5. Considerações Finais

É fundamental pensar de forma autocrítica como expressão de uma resistência, por isso, discute-se e questiona-se nessa tese a possibilidade de contribuição da estética para a formação, no curso de Pedagogia. O texto ao tecer considerações finais sobre o estudo da arte e da estética, e longe de apresentar soluções, discutem-se possibilidades, ao reconhecer o potencial da educação e a contribuição da estética para a formação. A partir desta pesquisa buscam-se resultados relevantes para uma análise e avaliação da contribuição da estética nos cursos de Pedagogia, em especial, discutir seu potencial educativo.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W.; Dialética negativa. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

_____; Teoria estética. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUMAN, Z.; Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, W.; Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MEIRELES, C. Melhores poemas de Cecília Meireles. São Paulo: Global, 2002.

MARCUSE, H. Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento e Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PUCCI, B.; ZUIN, A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs). Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.

RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A PEDGOGIA. (2006). Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf . Acesso em dez 2011.